

OS VENCEDORES DE PARIS

VI

KEES VAN DONGEN

CONSEGUIR, por meio de cores e de linhas, levar a multidão à cólera ou à troça insultuosa, depois à paixão da disputa, e por último ao aplauso incondicional, é bem raro dom de artista de génio, de privilegiado louco senhor da verdade.

Van Dongen é esse louco. Paris insulta-o, discute-o e atropela-se pela honra de o frequentar. Paris mete empenhos e paga com milhões a distinção de ser seu modelo. A sua casa — teoria de ateliês arejados e desnudos — é hoje o cabaré chique onde os cabotinos e os milionários se dão *rendez-vous*, para ouvir as *boutades* do locatário, acotovelar as bailarinas do bom tom, admirar as altas *cocottes* desse Panam doidivanas, lambusar os dedos opulentos de joalhice da madamaria amarejada *d'après guerre*. Os seus quadros, outrora despresados — quando eles eram ricas promessas dum génio astuto e autêntico — são hoje, pelo pleitear da sua compra, motivos de arruaças e escaramuças, só alcançados por fortunas nos leilões da *Salle des Ventes*, ou por distinção de honroso preço pago a seu autor, espirituoso ironista que dá ceiatas aos dois-mundos em reservadas noites do ano.

Van Dongen é um subtil trocista do tempo e do meio...

Van Dongen é um genial Fratellini da pintura. Cada cabriola da sua paleta mágica, é um fogacho; cada esgare do seu desenho ousado, é um lampejo. A sua obra, em conjunto, é um clarão vivo!...

Quando graceja na arena da moda, faz rir saudavelmente; mas observada a frio a filosofia da chalaça, vai tal amargor na intensão com que a vinca, que logo toda a sua dor nos vem ao coração. O seu pincel é um punhal embebido em sangue, que na paleta se metamorfoseia em «du vert qui est l'optimisme qui guérit, du bleu qui est la lumière et le repos, du jaune royal, quelques couleurs d'oubli et toutes les couleurs de la vie».

Sofreu muito na vida, para tão bem saber brincar na arte — maravilhosas ilusões.

Ai de quem só lhe nota o exterior da obra! Não a compreende e amesquinha-a com o epíteto de senobismo... Mentira!... Van Dongen não é um *petit cabot* como Domergue, nem um boneco japonês como esse delicioso Fujita, ex-sinfonista dos brancos e dos rosas alados...

E' um homem, um sadio colorista, observador aguíssimo com tanto temperamento como Matisse, oriental como este na vibração das suas pinturas, porém mais sensual, embora mais reservado nos contrastes — segredo de toda a técnica em arte. Brinca muitas vezes, para se vingar ou esquecer do tempo em que chorou; e brinca às claras, porque o seu primeiro princípio em arte, é que a pintura deve ser um prazer, um festim para os olhos e para a vida, e jámais um tor-

mento ou uma maçada sisuda, como um *traiado de paz* ou um conselho de família.

A sua arte é alegre como hino de vitória, uma chapoeirada de luz ou um riso de creança. Sensual como uma môça fresca do campo, como uma vaga de mar revolto. O seu retrato, no *Luxembourg*, disfarçado em Neptuno contemporâneo, é uma olaia em flor, risonho de tonalidade, lascivo como um alvorecer de primavera.

Van Dongen é um vicioso da graça e da indiscreção. O seu desenho tem a cruesa do bisturi a dissecar formas; mas esse escalpelo garotete é só violência de marujo na procura das correntes e dos ventos, uma hábil vigoração de expressão, que depois a cor adorna, alegre, gracilisa. Assim, a sua pintura agrada e doil.

De resto, todo o grande artista tem nos olhos a malícia do caricaturista e a observação do psicólogo: Giotto, Donatello, Rembrandt, Greco... Mas entre caricaturista e humorista há a distância do pensamento à gargalhada! No entanto, a Van Dongen, confessemos, agrada-lhe causticar ridículos, censurar defeitos de belesas. E' ver a obra sua que produziu no começo, e a perversa que fabrica hoje...

«Le Désespoir est un jouet avec lequel nous jonglons», diz-nos ele, num catálogo.

Pegaram nesse simples pescador de belesas — pescador de pérolas — e içaram-no até ao dandismo; enriqueceram-no, tentaram ludibriá-lo com tonterias, procuraram, por cálculo, boldinizar-lhe a inspiração, e ele, judeu esperto e pejado de talento, indumentado como um velho *rapin* que não vai na fita, sorri, blagueia, e troça a corte peralvilha, como um bôbo de Shakespeare que se vê mal rodeado e incompreendida a sua sensibilidade. A vingança é o praser dos deuses... Tornou-se impúdico e gosa. Armou-se de raciocínios como armas de S. Francisco: — «L'impudeur est vraiment une vertu comme l'absence de respect pour beaucoup de choses respectables».

Lutou demais para poder contentar-se; teve muitas vezes fome para poder perdoar. Chegou o seu dia de pontapear de cima a sociedade. Revoltado sempre, continua a prezar a revolução, mas... vive à larga no palácio que lhe competia.

Foi vizinho de Mestre Anatole, nessa esplêndida Vila Saïd, e até deste velho camarada soube rir: pintou-o mal com cores boas. Viveu em Montmartre, pobre, na roda pobre de Picasso, e como este, pelo valor e pelo trabalho, atingiu a riqueza e a nomeada. Hoje no seu lugar inventam novos planetas, gosam os antigos, e do passado guardam a saudade e o uso do cachimbo.

Paris é amante traiçoeira, mas quando calha topar macho forte, premeia-lhe a virilidade com a *Legion d'Honneur*.

Veio da Holanda há muitos anos, com a sua camisola de lã, de marinheiros, com o seu temperamento e a sua ambição. Calcurriou Paris, bateu à porta dos nababos, procurou os colecionadores e mercantes, mas não conseguiu ser ouvido, recebido, adivinhado. Lembro-me de lhe admirar os desenhos — dos quais possuo um, bem original — nos jornalecos de *polins montmartrois*, de o ver emparceirar no *Assiette au beure* com Hermann Paul, com Steinlen, com Galanis, com o nosso Leal da Câmara, todos camaradas na boémia, na pobreza e no ideal revolucionário. Todos treparam até ao patamar que a justiça lhes reservava; e só o nosso *Aldamakaró*, lá porque os monárquicos se disfarçaram em republicanos, correu como um tonto a vegetar neste Portugal!...

Um dia, Van Dongen, topou judeu espertalhão que lhe comprou a obra, a expôs e a vendeu pelo dôbro. Estava lançado para todo o sempre. Ambos bons judeus, pegaram a sorte de cara...

Correu ao Oriente onde a voz do sangue o chamava. Foi ao Egito, foi a Marrocos, veio à Hespanha, voltou à terra natal. Aqui festejaram-no, mas não o compreenderam. Chegaram a aplaudir-lhe a distração de expor um quadro do avesso. Notando que tanta festa era idiota embora inocente, voltou as costas aos moínhos e fixou-se em Paris, única pátria dos artistas, dos D. Quichotes.

Pintou imenso e já mais fraquejou perante a crítica. Inteligente, inventou um estribilho cómodo para não perder tempo nem correntes de clientela: «la critique? J'en connais pas!... Ceci? cela? Connais pas!...» Venceu. Por ter abusado do *connais pas*, foi prêso um dia em Venesa, ao querer ignorar Veroneso e os direitos da lei; doutra vez, em Paris, foi parar ao banco dos reus com Maclair, visto ter feito uma conferência sobre Monticelli e haver afirmado que o não conhecia nem a sua obra. A família dêste não concordando com tal ignorância, processou-o. Ficou conhecendo os hábitos da policia italiana e os da familia do delicado impressionista Monticelli, pontilhistas pobres com paleta de ouro.

Tem corrido Sêca e Meca: vive em Veneza, na primavera, em Deauville, no verão, na Rivière, no outono e ao lado do Bois, no inverno. Cada hora um modelo, cada dia um retrato, cada retrato um milhão. Pinta, escreve, faz conferências e faz *blagues*. Gosta de jantar bem e de pintar melhor. No resto é um *dilettanti*. Confessa que, só pensa em arte, quando pinta, e logo que repousa nenhum traficante lhe leva a palma na ganância e habilidade, para a vender. Defende a sua dama em torneio destemido, com um livro de cheques.

Todas as gamas de azuis e verdes-marinho bailam nas suas telas com os *gris* e as pratas e os onixes, que ninguém sabe melhor exaltar nem esaltar. Recordo-me de uma exposição, entre tantas que dêle vi, em 1911, na galeria Bernheim. Foi uma tempestade de sol em pleno inverno dêsse Paris cinzento e tiritante. Havia jardins floridos nos *mantons* das hespanholas; uma Carmen argelina, em pêlo, torcida como

uma cobra, os peitos erectos, a máscara em vício, diabólica, excitante de carne, sobre um fundo azul africano que lhe revigorava os contornos e lhe realçava o trigoíro doirado da epiderme; uma perversa a excitar um gato, em arco, prateada de luz, o cabelo de azeviche, voluptuosa, não se sabendo quem mais felino se o bicho se a fêmea; e mais nobre que tudo, uma figura de egípcia, de pé firme e cântaro ao ombro, o veu tombado da nuca, como uma cortina misteriosa, os olhos epormies, esflingicos, hipnotizadores, eternos, que nem sabíamos se nos fitava ou nos feria, fakirizando-nos a sensação, atormentando-nos com aquela pupila negra, simbólica, que vê para fora e ilumina para dentro...

Toda a sua obra de então, formidável de técnica à espatulada, larga como um gesto de semeador, original sempre, sem romantismo de *faubourg* nem pieguice literária, anda espalhada pelas cinco partidas, em lugares bem mais honrosos que os retratos modernos dos Boni ou das madames Jasmy, com brilhantes a expelir faiscas, transparências algamarinhescas, catitesas de alcoice, chiquismos cinematográficos. De quando em quando, ainda a sua verbe se transfigura e nos dá belos painéis como a «Camisa prateada», o retrato de Rappoport ou de Genevieve Vix, obras notáveis de violência e sensibilidade superior.

No Salon é com avidez procurado.

— «Voilà Van Dongen!... grita o parisiense, o artista, a costureira, a galdéria de luxo. Na verdade, Van Dongen sempre lá está, vivo e chocante, e já de longe se distingue. E' ainda o seu mais alto valor a personalidade. Só êle descobre a côr duma túnica, o tom duma atmosfera, a harmonia jazz duma composição. Original e brejeiro, retrata as mulheres como se fossem galgas, os homens como cavalos. Tem manequins especiais, torcicolados como trepadeiras, ou esgalgados como fantoches.

Desenhar uns olhos grandes em forma de peixe ou de folha de japoneira, bistrar umas pálpebras, batonar uma boca, maquilhar enfim uma elegante, nem sábio caracterizador de ribalta lhe leva as lampas. Aprendeu com as árabes o segredo do ofício, do artificialismo. Traçar uma perna de modo que distraidamente fiquem bem ao léu as nádegas, escorçar um colo, transparentizar um vestido, tremelicar uma mão que descobre téclas no espaço, petulantizar um modelo, ninguém o faz com mais pericia e galharda gaiatice, como outrem melhor não despe uma mundana, ou dá o faúlhar duma jóia de actriz, o ar de um novo-rico rastaquere. O seu olhar velhaco é um Raio X que adivinha através duma pelica os corpos infelizes, as almas infelizes, dos infelizes retratados.

E' esta a imoralidade da sua obra recente, que levanta o clamor das turbas, excita o riso dos burgueses e atrai a carolice pinócas da sua camarilha.

Van Dongen é um genial clown da pintura.

«La vie est belle et l'œuvre est plus belle encore que la vie», grita êle exaltado, a propósito de Rembrandt.